

Investimentos: por onde começar a avaliar a saúde financeira?

Natalia Baranov (*)

Empreender é, acima de tudo, tomar decisões. E poucas são tão complexas quanto decidir, quando e como buscar investimento

No Brasil, com a taxa Selic em 11,25%, ainda há um desafio extra: o custo do capital. Nesse contexto, cresce a importância de avaliar rigorosamente a saúde financeira da empresa antes de iniciar qualquer captação. Sem essa base, até os projetos mais promissores se tornam armadilhas.

Por diversas vezes, gestores financeiros observam uma dificuldade comum entre os empreendedores. Mesmo aqueles que apresentam boas ideias ou produtos disruptivos acabam tropeçando na falta de clareza ao apresentar dados como fluxo de caixa, balanço patrimonial e projeções de retorno, que acarretam respostas negativas de captação ou projetos que não entregam o valor esperado.

Um estudo do SPC Brasil e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) revela que 68% das empresas usam recursos próprios para operar, mas essa abordagem tem limites. Com o tempo, o uso de capital externo, seja bancário ou de risco, passa a sustentar o crescimento sustentável e atender a demandas mais robustas, como investimento em tecnologia, novas contratações ou ampliação de capacidade produtiva.

Há um ditado no mundo das finanças que nunca perde o charme: "receita é vaidade, lucro é sanidade, caixa é rei". O fluxo de caixa é o indicador mais direto da saúde de uma empresa, pois reflete todas as entradas e saídas de recursos. Não basta olhar para o faturamento quando é preciso mapear prazos de pagamento, condições de recebimento e o impacto de custos financeiros, como juros de empréstimos ou antecipações.

Em um cenário de taxas de juros elevadas, negligenciar esses aspectos pode corroer o caixa, mesmo que o resultado operacional aparente ser positivo. Antes de qualquer investimento,

seja para adquirir máquinas, expandir operações ou contratar tecnologia, dois indicadores devem estar na mesa de qualquer executivo: o ROI (Retorno sobre Investimento) e a TIR (Taxa Interna de Retorno).

Essas ferramentas não são apenas números para apresentações - na prática, elas validam se o capital será bem empregado. O ROI é útil para entender a eficiência de um projeto, ou seja, quanto retorno ele pode gerar para cada real investido. Já a TIR ajuda a comparar o retorno projetado com alternativas mais seguras, como aplicações financeiras de baixo risco.

Por mais robusto que um projeto pareça, fatores externos podem colocar em xeque a viabilidade de um negócio. Inflação, variações cambiais, mudanças regulatórias e custos de insumos são exemplos de variáveis que impactam diretamente os resultados. Empresas do setor de logística, por exemplo, sofrem impacto direto das flutuações no preço do combustível.

Por isso, antecipar cenários e criar estratégias de mitigação também são habilidades que destacam marcas resilientes. Os projetos devem ser pautados em dados concretos, com o uso de KPIs - indicadores de desempenho - específicos, simulações financeiras, estudos de mercado e, no caso de tecnologias mais acessíveis, inteligência artificial (IA) e Big Data para coletar e interpretar informações.

O capital de terceiros é uma das alavancas mais poderosas para o crescimento empresarial, mas exige responsabilidade. Avaliar a saúde financeira, considerar fatores externos e trabalhar com números concretos é uma necessidade, já que investir sem preparo é como navegar sem bússola: pode-se até chegar a algum lugar, mas as chances de naufrágio são imensas.

Ao estruturar as decisões com uma base sólida, o empreendedor atrai os melhores investidores e garante que cada real captado seja convertido em valor sustentável.

(*) - É Diretora Executiva de Finanças da Startup Unlog (<https://www.unlog.com.br/>).

Materialidade: importante nas empresas para as práticas ESG

A empresa que se propõe a ser sustentável, alinhando sua atuação ao conceito ESG, tem um longo caminho a percorrer. Nesta jornada, uma etapa primordial é a definição de sua materialidade

Aline Oliveira (*)

A materialidade pode ser entendida como a definição de temas relevantes para a organização, no que diz respeito a estratégias e práticas de sustentabilidade ambiental, social e de governança. Está relacionada aos principais impactos que a organização promove ou está sujeita, e também às oportunidades atreladas a cada um de seus riscos.

Sejam grandes corporações ou pequenas e médias empresas, é essencial considerar as particularidades das organizações, mesmo que atuem no mesmo ramo. O impacto dos temas para os negócios não é o único aspecto a ser considerado pela lente de aumento da materialidade.

Da mesma forma, é fundamental lançar luzes sobre o que interessa aos stakeholders, que são os colaboradores, fornecedores, clientes, consumidores, todas as partes agregadas, enfim, neste processo.

Cada stakeholder tem afinidades e entendimentos diferenciados sobre o que é mais relevante em



Khaonchai Wongmathien_CAWA

seu dia a dia. A dependência de condições sociais, econômicas, ambientais, políticas e mesmo geográficas, um colaborador pode elencar entre outros assuntos importantes práticas trabalhistas, diversidade ou relacionamento com as lideranças.

Para a comunidade local, a relevância do negócio pode estar, por exemplo, no potencial de gerar empregos. Do ponto de vista do colaborador, o interesse maior às vezes é a marca empregadora.

Diante de tantos interesses e necessidades específicos, a materialidade permite compreender a relevância e o impacto que os temas trazem para

o negócio, e contribui para a definição de prioridades de ação, definição de metas e estratégias e reporte de resultados a todas as partes interessadas.

Esta compreensão proporcionada pela materialidade precisa, necessariamente, interpretar com precisão os vieses revelados por cada stakeholder. Neste sentido, reforçamos a importância de entender de "gente" para desenvolvermos processos adequados, coesos e com resultados reais.

Com a perspectiva de reduzir os riscos associados a estes vieses, apresentamos três pontos que não devem ser negligenciados na jornada.

O primeiro deles é estabelecer uma relação de confiança com cada grupo de stakeholders, justamente para que haja interesse genuíno em prestar informações corretas e adequadas para avaliação.

A segunda providência trata de esclarecer cada um dos temas materiais, alinhar expectativas e proporcionar entendimento. Não menos importante, destacamos a necessidade de compreender os grupos de stakeholders e adequar a comunicação com cada um deles. Nem sempre podemos usar siglas, termos em inglês ou referências técnicas, se nossa proposta é garantir a compreensão das partes interessadas.

A sustentabilidade e adoção de práticas ESG não apenas diferenciam uma empresa no mercado em 2025. Verdadeiramente agregam uma atuação ambientalmente responsável e alinhada ao desenvolvimento social que este ano tanto demanda, sempre levando em consideração o cenário atual e o contexto em que a empresa está inserida.

(*) - É sócia-diretora na IntelliGente Consult (<https://intelligenteconsult.com.br/>).

Insatisfação com as finanças pessoais predomina no Sudeste

No balanço do ano passado, as finanças foram um dos itens que mais deixaram a população do Sudeste insatisfeita: para 63% dos moradores da região, a situação do orçamento familiar e pessoal piorou ou ficou na mesma em 2024.

Analisando somente os que disseram ter piorado a situação, as finanças foram disparadas o item de maior avaliação negativa: 25% dos entrevistados assinalaram que regrediram nessa área em 2024. Apenas a avaliação da saúde mental (21% de percepção de piora) se aproximou desse índice.

Esses são alguns dos resultados da última pesquisa Radar Febraban do ano, realizada em dezembro pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe) para medir a percepção e expectativa da sociedade sobre a vida, aspectos da economia e prioridades para o país.

Em compensação, como antídoto contra a grana curta, 68% acreditam que o acesso ao crédito para pessoas e empresas deve aumentar ou permanecer o mesmo (36% e 32%, respectivamente). Por outro lado, 28% têm a percepção de que esse acesso vai piorar, enquanto 5% não souberam ou não quiseram responder.



Para o sociólogo e cientista político Antonio Lavarreda, presidente do Conselho Científico do Ipespe, de modo geral, a avaliação de 2024 e as perspectivas para 2025 carregam sentimentos de cautela e otimismo, que refletem o que ocorreu ao longo de todo ano.

Realizada recentemente com 2 mil pessoas nas cinco regiões do país, esta edição mapeia as expectativas dos brasileiros sobre este ano, tanto em relação à vida pessoal, quanto em relação à política e à economia do país, além de mensurar como a população encara as compras de fim de ano, entre outros tópicos (AI/Febraban).

Habilidades comportamentais serão as mais requisitadas neste ano

O mercado de trabalho brasileiro pode estar enfrentando uma leve desaceleração. O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) da Fundação Getúlio Vargas, registrou em novembro sua menor marca em cinco meses, sinalizando um ritmo menos acelerado para o início de 2025.

O IAEmp, que antecipa os rumos do mercado de trabalho no Brasil, recuou 1,8 ponto em novembro, para 79,9 pontos, menor nível desde junho de 2024.

De acordo com Robério Andriolo, sócio-diretor da Human SA, essa

desaceleração pode levar as empresas a buscarem profissionais mais qualificados e adaptados às novas demandas. "Nesse sentido, as human skills se tornam um diferencial competitivo, pois demonstram a capacidade do profissional de lidar com desafios e mudanças", diz.

A pesquisa Guia Salarial 2025 da Robert Half corrobora quando aponta que habilidades como inteligência emocional, liderança, resolução de problemas e pensamento crítico serão indispensáveis para os profissionais que desejam

se destacar no próximo ano. Robério ressalta que desenvolver as habilidades humanas têm papel transformador e pode ser o diferencial para conquistar vagas no próximo ano.

"Cursos que desenvolvem as habilidades humanas preparam os profissionais para atender às demandas do mercado, mas também ampliam sua empregabilidade e potencial de crescimento. É importante alinhar a escolha da especialização aos objetivos pessoais e profissionais para obter os melhores resultados".

Em um mundo cada vez mais automatizado, a capacidade de se relacionar com as pessoas, de entender as nuances da complexidade humana e de trabalhar em equipe será o que diferencia os profissionais de sucesso. Com o mercado cada vez mais dominado pela tecnologia e pela inteligência artificial, pode parecer contraintuitivo que as soft skills - aquelas habilidades comportamentais e sociais - sejam tão relevantes.

No entanto, a verdade é que elas se tornaram um diferencial competitivo fundamental para os profissionais da

área. A busca por profissionais com human skills é uma oportunidade para as empresas investirem em seu capital humano e construir equipes produtivas, saudáveis e sustentáveis para as empresas e seus colaboradores.

Ao oferecer programas de desenvolvimento e oportunidades de aprendizado, as empresas podem atrair e reter os melhores talentos, contribuindo para o crescimento e a sustentabilidade do negócio. - Fonte e outras informações: (<https://humansa.com.br/>).